

ADRIANE NOGUEIRA

A INFLUÊNCIA DOS PAIS DA PRÁTICA ESPORTIVA DE SEUS FILHOS

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Profº. Drº. Valdomiro de Oliveira

**CURITIBA
2009**

AGRADECIMENTOS

Importante mencionar a algumas pessoas que estiveram e estão presentes na minha vida duas palavras simples, porém que juntas carregam uma importância enorme: o meu "Muito Obrigado".

Primeiramente a Deus, Ele que está nos momentos de tristeza e de alegria, nos bons e principalmente nos difíceis, não me deixando sozinha em nenhum momento. A Ele meu profundo agradecimento e MUITO OBRIGADO.

Aos meus pais que estiveram presentes e preocupados com a minha formação desde as primeiras séries escolares e até agora se dispuseram a estar do meu lado e me ajudar, por mais difícil que fosse o problema se dispuseram a estar comigo e me apoiar.

A todos os professores, meu orientador e membros da banca, pois desde o primeiro ano de curso se mostraram interessados e comprometidos pela formação acadêmica de cada um dos alunos, inclusive a minha.

E, claro, a minha família, namorado e amigos que sempre deram o suporte e a base fundamental que necessitava para agüentar a pressão e os desafios dessa fase.

“O bom profissional é aquele que nunca acha que o
que conquistou é o bastante, que sempre quer algo mais
que está disposto a sacrifícios individuais
em nome de um objetivo coletivo.”

Bernardo Rocha de Rezende

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	V
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	VI
RESUMO.....	VII
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVAS	2
1.3 OBJETIVO.....	3
1.3.1 OBJETIVO GERAL	3
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	3
1.4 METODOLOGIA	3
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 FILHOS DESDE O NASCIMENTO.....	5
2.2 INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE	7
2.3 OS FILHOS E SEU DESENVOLVIMENTO	8
2.3.1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO SEGUNDO PIAGET	8
2.3.2 MODELO DE DESENVOLVIMENTO MOTOR PROPOSTO POR GALLAHUE E OZMUN.....	10
2.3.2.1 FASE MOTORA REFLEXIVA	11
2.3.2.2 FASE DE MOVIMENTOS RUDIMENTARES	12
2.3.2.3 FASE DE MOVIMENTOS FUNDAMENTAIS.....	12
2.3.2.4 FASE DE MOVIMENTOS ESPECIALIZADOS.....	13
2.3.2.5 A AMPULHETA HEURÍSTICA	14
2.4 INICIAÇÃO ESPORTIVA DOS FILHOS	16
2.5 PAIS, FILHOS E PRÁTICA ESPORTIVA.....	17
2.5.1 TREINAMENTO DE CRIANÇAS NO ESPORTE	19
2.5.2 ASPECTOS MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DO ESPORTE	21
2.5.3 ATITUDES DOS PAIS E REFLEXOS NA PRÁTICA ESPORTIVA DOS FILHOS.....	23
3 CONCLUSÃO	26
4 REFERÊNCIAS	28

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO SEGUNDO PIAGET	9
QUADRO 2 – CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE MOVIMENTOS.....	10
QUADRO 3 – O ENVOLVIMENTO DOS PAIS	24

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – A AMPULHETA.....	15
FIGURA 2 – CÍRCULO DE INFLUÊNCIAS	18
FIGURA 3 – DETERMINANTES DA MOTIVAÇÃO ATUAL PARA O RENDIMENTO.....	22

RESUMO

A INFLUÊNCIA DOS PAIS NA PRÁTICA ESPORTIVA DE SEUS FILHOS

Relação da influência dos pais na prática esportiva de seus filhos, onde esta influência inicia no nascimento da criança, perpassando por todo seu desenvolvimento, incluindo o psicológico e o motor, sendo eles fundamentais para que este ocorra da melhor forma possível. A iniciação esportiva cada dia mais presente na vida das crianças, é importante para aumentar as experiências motoras delas, estando os pais envolvidos diretamente com estas experiências interferindo e interagindo constantemente nos treinos, competições, como torcida e agentes motivadores. O trabalho apóia-se em uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório onde busca o posicionamento dos autores quanto a influência dos pais na prática esportiva de seus filhos.

Palavras chaves: (PRÁTICA ESPORTIVA; INFLUÊNCIA FAMILIAR; DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

O esporte, como explica SIMOES et al (1999, p.34), está cada dia mais presente no cotidiano da sociedade. Com isso, percebe-se o aumento da popularidade e participação em escolas de iniciação esportiva. SILVA (2001); MORAES et al (2004) e WEINECK (2000) colocam a fase de 10 a 12 anos de idade como a melhor idade para inicializar a criança ao esporte, respeitando sua maturação e seu desenvolvimento.

Esta relação com o início da prática esportiva está relacionada com diversos fatores que interferem direta ou indiretamente o desenvolvimento de tal, como Byrne (1993, apud VILANI & SAMULSKI, 2002, p.35) sistematiza esse círculo de influências agindo sobre a criança, sendo o espectador, clubes, árbitros, professores, treinador e pais. Este último citado percebe-se que possui um importante papel na formação social e cultural de seu filho, esta interferência iniciando já desde o nascimento percorrendo por toda a sua vida.

Assim como SHINYHASHIKI (1992) coloca, os filhos são a imagem refletida pelos pais, ao longo de sua vida irão de desprendendo. Mas nos primeiros anos, entendo que os principais influenciadores são os pais como VILANI & SAMULSKI (2002, p.13) explicam as considerações de Jersild e Mussen, colocando algumas atitudes da família como responsáveis do desenvolvimento do comportamento dos seus filhos, como por exemplo, famílias que incentivam a curiosidade, para ser desenvolvido a auto-expressão havendo diálogos e discussões entre eles, os filhos podem ser caracterizados com um perfil sociável e desinibidas, entre outras classificações.

Importante lembrar, como já citado anteriormente as crianças estão em uma fase de constante desenvolvimento. Assim como explica Piaget (apud SALVADOR, 2000, p.250), não é preciso haver movimentos externos para caracterizar o "atuar" de uma criança, desde o nascimento ela está desenvolvendo seu psicológico, contudo o desenvolvimento motor também está ocorrendo simultaneamente, como caracterizado no modelo de GALLAHUE & OZMUN (2005), onde dividem o desenvolvimento em fases motoras que iniciam desde o nascimento e continuam no decorrer da vida, com aprendizados diferenciados e aprimorando os já existentes.

Este modelo ainda propõe uma sistematização das influências para este desenvolvimento da criança, a ampulheta heurística. Esta sistematização ilustra as relações do ambiente juntamente com as hereditárias, interferindo diretamente na aquisição de novas habilidades.

Percebe-se que a partir do momento em que a criança ocupa um lugar fora do seu ambiente familiar, este se torna um ser social. Ocorrendo uma relação bilateral (KANETA et al, 2006); (SIMIONATO-TOZO & BIASOLI-ALVES, 1998, p.138), o ambiente agindo sobre a criança e a relação inversa do mesmo modo. Assim, ao adentrar na escola as relações das crianças se centralizam no grupo de colegas que freqüentam e compartilham das mesmas vontades como cita KANETA et al (2006, p.280). Sendo assim, na faixa de 10 a 12 anos como citado, compreende o momento de escolarização da criança, compreendo que o primeiro contato da criança com o esporte se dará dentro da escola, mas esta relação que buscamos é no período extracurricular.

A iniciação da criança no esporte se dará por diversos motivos, mas como cita KANETA et al (2006, p.274), estes são incentivados pelos pais e amigos. Como isso, Weindberg e Gould (2001 apud KANETA et al, 2006, p.293), coloca que a relação dos pais pode desempenhar um papel altamente positivo ou altamente negativo na experiência de seus filhos. São classificados por SIMOES et al (1999, p.35) como “agentes controladores” dessa realidade. Entendo assim a importância da participação dos pais na experiência da iniciação esportiva nos diversos momentos. Esta relação dos pais e filhos envolve o acompanhamento dos treinamentos, os aspectos motivacionais, as atitudes dos pais juntamente com a torcida. Dessa forma, apresenta-se a seguir as justificativas para este estudo.

1.2 JUSTIFICATIVAS

A prática esportiva está cada dia mais freqüente na vida das crianças e adolescentes, e esta prática recebe a interferência de diversos fatores extrínsecos e intrínsecos que as motivam ou não a continuar realizando determinada atividade esportiva. Os pais são um dos principais fatores para esta realização, sua posição quanto à atividade pode ser determinante para a vida esportiva de seu filho.

A relação filhos e a prática esportiva estão altamente interligados com fatores que interferem. Por isso, este trabalho proporciona uma visão de diversos autores sobre esta relação, para profissionais de Educação Física e pais entenderem quão importante é nessa experiência das crianças. O mesmo poderá também servir de base para possíveis estudos de campo em outras pesquisas. Na seqüência, busca-se levantar alguns objetivos para melhor delinear a pesquisa.

1.3 OBJETIVO

1.3.1 Objetivo Geral

Levantar bibliograficamente a posição de autores da área sobre a relação dos pais na prática esportiva dos filhos.

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar as fases de desenvolvimento das crianças, com base nos modelos de Piaget e Gallahue e Ozmun.
- Verificar e analisar a influência social, bem como os aspectos motivacionais para o treinamento na etapa de iniciação esportiva.

A seguir, mostram-se os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do estudo.

1.4 METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados recursos bibliográficos para uma investigação de cunho exploratório. Segundo BASTOS & KELLER (1991, p.55) explica a pesquisa científica como sendo uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer certos aspectos do objeto de estudo escolhido.

Nessa monografia, o objeto de estudo é a relação da prática esportiva dos filhos com seus pais, assim busquei na bibliografia a opinião e os posicionamentos dos autores sobre o assunto.

Assim, segundo Gil (1991, apud SILVA & MENEZES, 2001, p.21) uma pesquisa pode carregar o título de bibliográfica quando esta se fundamenta em estudos e materiais já publicados, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e hoje em dia de material disponibilizado pela internet, visando proporcionar uma maior familiaridade com o objeto de estudo, com intuito de tornar o problema explícito ou a construir hipóteses.

Percebe-se então a importância desse levantamento bibliográfico, assim busquei na literatura os diversos posicionamentos e opiniões dos autores acerca do assunto em questão, a influência dos pais na prática esportiva dos filhos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de melhor compreender a redação desse texto, busca-se organizar o estudo da seguinte forma: A) Primeiramente um diálogo com os autores sobre as influências que os filhos recebem desde o nascimento; B) Com o intuito de uma visão geral da influência que a criança recebe na sua formação uma posição sobre a influência da sociedade em geral; C) Depois busca na literatura a posição dos autores acerca do desenvolvimento das crianças, com base nos modelos de Piaget e Gallahue e Ozmun; D) Relaciona-se então este momento de iniciação desportiva das crianças; E) No âmbito ainda da iniciação busca-se um diálogo com a literatura sobre a influência dos pais nesse campo do esporte.

2.1 FILHOS DESDE O NASCIMENTO

“O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da sua personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar.”

(Drummond & Drummond Filho, 1998 apud PRATA & SANTOS, 2007, p.248)

Assim pensa-se que os pais possuem papel fundamental na formação social e cultural, daquilo que seu filho pensa, do modo que interpreta os problemas e isso ocorre do nascimento continuando por toda sua vida. Interferem positiva ou negativamente nas suas escolhas.

Shinyhashiki coloca que a criança vai adquirindo sua personalidade no decorrer de sua vida, quando bebê até ser integrada no meio social sua imagem é o reflexo das influências dos pais.

“Desde a tenra idade o indivíduo procura definir sua identidade, quer saber quem é, pois é este o ponto de partida para orientar sua vida. No início, a imagem que a criança faz de si não é forjada a partir de reflexos do espelho, mas sim das reações, das palavras, dos sentimentos e das condutas das pessoas queridas.”

(SHINYHASHIKI, 1992, p.29)

Ainda Shinyhashiki (1992, p.30) coloca que no decorrer da sua vida a criança vai se desprendendo dos pais, criando uma determinada autonomia.

“Quando a criança nasce, é totalmente dependente dos pais. À medida que a criança se desenvolve, sua necessidade de cuidados vai diminuindo, a dependência vai se tornando desnecessária, e tanto a criança quanto os pais podem cuidar de suas necessidades e de sua realização.”

Para todo esse desenvolvimento o principal influenciador será a família, como afirma VILANI & SAMULSKI (2002) “as atitudes dos pais constituem parâmetros essenciais para o desenvolvimento da personalidade da criança.” Ainda, os autores resumem as considerações de Jersild (1966) e Mussen (1975), onde classificam em três níveis as influências da vida familiar na constituição do comportamento da criança, baseados por pressupostos de comportamentos sócio-afetivos, a família democrática, as famílias autoritárias e as famílias permissivas. Segue uma breve descrição e características destas famílias.

A família democrática, este caso é caracterizado pelo incentivo a curiosidade da criança, buscando a auto-expressão por meio de discussão e diálogo entre pais e filhos. As crianças deste meio podem ser caracterizadas com um perfil sociável e desinibidas com “elevado grau de liderança, atividade, desembaraço, autodefesa, criatividade, originalidade, construtividade, curiosidade, não conformismo e desobediência”.

As famílias autoritárias, neste caso são visíveis o nível de regras, restrições e proibições nas famílias. Pais que buscam por meio autoritário determinado comportamento buscando um possível “comportamento responsável”, porém não é muito observado este comportamento nas crianças destas famílias. As crianças tendem “a ser quietas, bem comportadas, acanhadas, socialmente inibidas, muito conformistas, com pouca curiosidade e criatividade”.

As famílias permissivas, este caso os pais agem segundo os anseios dos filhos, não é observado uma determinada ordem dos pais, onde os filhos regulam suas atividades. As crianças tendem a não apresentar responsabilidade e comportamento orientado para realização e a ter um comportamento imaturo.

Compreende-se a partir disto, que a família, principalmente os pais, são os principais influenciadores desde os primeiros anos de vida de seus filhos e até serem integrados ao meio social, onde este trará a criança novas experiências e

possibilidades para seu desenvolvimento. Hoje, a sociedade exige por muitas vezes que pai e mãe trabalhem para compor a renda familiar, assim os filhos necessitam de um cuidado externo (avós, babás, creches, escolinhas). A partir daí a criança iniciará sua vida social, recebendo as influências do mundo fora do ambiente familiar.

2.2 INFLUENCIA DA SOCIEDADE

“Criança, adolescente ou adulto, todos os seres humanos vivem em um ambiente social. Isso significa que temos aí uma relação bilateral, ou seja, ocorrem influências do grupo social para o indivíduo quanto desse para o grupo.”

(KANETA et al, 2006, p.289)

A partir dessa consideração, e segundo SIMIONATO-TOZO & BIASOLI-ALVES (1998, p.138) onde coloca a relação da criança com a família, e inclui-se aqui também o ambiente social em geral, esta relação é bilateral, ao mesmo tempo em que é influenciada, esta influência o meio no qual está inserida, pode-se dizer que no momento que a criança ocupa outro local além da sua casa, este se torna um ser social. Normalmente, o primeiro ambiente diferente de sua realidade que irá conhecer será a escola, onde encontrará novos agentes influenciadores como amigos, professores. A escola possui papel complementar a formação dada pela família, sendo que a escola não é responsável isolada dessa formação da personalidade, por mais que o ambiente propicie um clima familiar ainda assim é um ambiente escolar (TIBA, 2002, p.181).

“A escola é muito mais do que um lugar para seu filho aprender matérias e ganhar um certificado. Lá a criança desenvolve sua socialização. Encontra crianças de sua idade, exercita os sentimentos de aceitação e rejeição, relaciona-se com outros adultos e descobre que o mundo vai além de sua casa.”

(SHINYHASHIKI, 1992, p. 79)

E por muitas vezes, passarão mais tempo com essa nova realidade do que com seus pais, como cita KANETA et al (2006, p.280) onde explica que ao

passarem mais tempo com esta nova realidade como escola, curso e clubes, as relações sociais da criança se centralizam nesse grupo de colegas que freqüentam os mesmos locais e compartilham das mesmas afinidades e gosto. Mesmo assim não se pode esquecer que os principais mediadores continuam sendo os pais.

E em toda essa fase das relações interpessoais está ocorrendo o desenvolvimento das crianças, e segue este desenvolvimento segundo o modelo de Piaget e Gallahue e Ozmun.

2.3 OS FILHOS E SEU DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da criança se dá desde sua fecundação, o período de gestação e se dá por toda sua vida, este desenvolvimento ocorre etapa por etapa, construindo aos poucos suas capacidades (KANETA et al, 2006, p.290). Weineck (2000 apud BENETTI et al 2005, p. 88,89) coloca que na fase escolar as condições psicofísicas das crianças estão extremamente favoráveis para a aquisição de habilidades motoras,, favorecendo a ampliação do repertório motor e a melhora das habilidades coordenativas que são o centro da formação esportiva.

Segundo a posição acima de Weineck, o fator psicológico está inteiramente relacionado com o desenvolvimento motor das crianças. Sendo assim, segue a teoria de Piaget quanto ao desenvolvimento psicológico e a de Gallahue e Ozmun quanto ao desenvolvimento motor.

2.3.1 Teoria do desenvolvimento psicológico segundo Piaget

Para Piaget (apud SALVADOR, 2000, p. 250) o desenvolvimento psicológico da criança inicia cedo, o atuar significa mais do que ações e movimentos externos e visíveis. “Um sujeito pode estar mentalmente muito ativo sem que por isso tenha de mover ou manipular objetos: quando compara, ordena, classifica, conta ou faz deduções mentais”.

Pode-se dizer então que a criança já está desenvolvendo seu psicológico sem que para isso tenha que estar desenvolvendo o motor ao mesmo tempo. Piaget ainda coloca que a aprendizagem depende do desenvolvimento da criança, adotando uma progressão para todos os sujeitos ao longo de sua vida. Divide o desenvolvimento psicológico nos seguintes estágios:

ESTÁGIOS	ESTÁGIO SENSORIO-MOTOR	ESTÁGIO PRÉ-OPERATÓRIO	ESTÁGIO DAS OPERAÇÕES CONCRETAS	ESTÁGIOS DAS OPERAÇÕES FORMAIS
IDADE	0 a 2 anos	2 a 6 anos	6 a 11 anos	11 a 15 anos
INTELIGÊNCIA	Prática	Representativa (esquemas de ações interiorizadas)	Operatória (baseada em um conjunto de operações lógicas)	Formal (pode aplicar-se a qualquer conteúdo)
CARACTERÍSTICA	O bebê começa a ser capaz de resolver problemas práticos cada vez mais complexos A evolução dos esquemas permite que o mundo vá se organizando (espacialmente, temporalmente, casualmente)	Egocentrismo (o ponto de vista da criança domina) Pensamento intuitivo, baseado na percepção	Pensamento mais lógico e racional As operações permitem organizar a realidade de uma maneira mais estável (conservações)	Pensamento combinatório (capacidade de pensar em todas as combinações e variantes possíveis de um fenômeno) Pensamento hipotético-dedutivo (capacidade de raciocinar por meio de hipóteses)

QUADRO 1 – ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO SEGUNDO PIAGET
FONTE: SALVADOR, 2000, p. 252

Piaget (apud SALVADOR, 2000, p. 251) refere-se também ao processo de interação com o meio para o desenvolvimento da criança, tanto em casa como fora dela:

“Quando se trata da palavra de um adulto, transmitir ou tentar transmitir conhecimentos que já estão estruturados pela linguagem ou pela inteligência dos pais ou dos mestres, imagina-se que já esteja comprovado, com essa assimilação prévia, e que a criança unicamente não exigisse uma nova assimilação, isto é, uma reestruturação que depende, dessa vez, das atividades do auditor.”

Compreende-se assim, o fato de ser uma influência e não uma transmissão de conhecimentos, a criança terá a visão do que seu pai ou demais pessoas falaram e por si só irá assimilar de outro modo.

2.3.2 Modelo de desenvolvimento motor proposto por Gallahue e Ozmun

Em qualquer etapa no decorrer da vida, o ser humano está em constante desenvolvimento, novos aprendizados e aprimorando as já existentes, como cita GALLAHUE & OZMUN (2005, p.98):

“Todos nós – bebês, crianças, adolescentes e adultos – estamos envolvidos no processo permanente de aprender a mover-se com controle e competência, em reação aos desafios que enfrentamos diariamente em um mundo de constante mutação. Podemos observar diferenças desenvolvimentistas no comportamento motor, provocadas por fatores próprios do indivíduo (biologia), do ambiente (experiência) e da tarefa em si (físicos/mecânicos).”

Deve ser considerada a individualidade de cada um, porém pode ser características específicas para cada fase proposta por Gallahue e Ozmun (2005, p.98-107).

MOVIMENTOS	ESTABILIZADOR	LOCOMOTOR	MANIPULATIVO	
CARACTERÍSTICA	NECESSITAM CERTO GRAU DE EQUILÍBRIO	DECORREM DE UMA MUDANÇA DE LOCALIZAÇÃO DO CORPO	MOVIMENTOS RUDIMENTARES	MOVIMENTOS REFINADOS
EXEMPLOS	GIRAR, VIRAR, EMPURRAR, PUXAR	CAMINHAR, CORRER, PULAR, FICAR EM UM PÉ SÓ	ARREMESSAR, APANHAR, CHUTAR, PRENDER, REBATER	COSTURAR, CORTAR COM TESOURA, DIGITAR

QUADRO 2: CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE MOVIMENTOS
FONTE: GALLAHUE E OZMUN, 2005, p. 98-107.

Esta é a classificação básica do movimento segundo os autores, porém eles as desmembram ainda mais. Já que a maioria dos movimentos executados pelos humanos exige a combinação de dois ou das três classificações citadas acima. As

fases, segundo os autores, estão interligadas e são decorrentes de uma progressão, as quais percorrem por toda a vida.

2.3.2.1 Fase motora reflexiva

Segundo o modelo de Gallahue e Ozmun (2005, p.99), esta fase é caracterizada pelos movimentos involuntários feitos pelo feto e pelo bebê no início de sua vida.

“Os reflexos são movimentos involuntários, controlados subcorticalmente, que formam a base para as fases do desenvolvimento motor. A partir da atividade de reflexos, o bebê obtém informações sobre o ambiente imediato. As reações do bebê ao toque, à luz, a sons e a alterações na pressão provocam atividade motora involuntária.”

Eles caracterizam como reflexos primitivos aqueles que agrupam informações, caçam alimentos e são de reações protetoras; e os reflexos posturais, aqueles primeiros movimentos involuntários que antecedem os voluntários de andar, engatinhar.

Estágio de codificação de informações: Do período fetal até o quarto mês de vida pós-parto. Nesse estágio, os centros cerebrais inferiores são altamente desenvolvidos em comparação que o córtex motor, assim o bebê reage em busca de proteção, busca de alimentos, com reflexos involuntários e inúmeros de intensidade e duração variadas.

Estágio de descodificação de informações: Inicia aproximadamente no quarto mês. Nesse estágio, os centros cerebrais superiores estão em constante desenvolvimento o que inibi alguns reflexos involuntários dos bebês, dando lugar a movimentos voluntários.

2.3.2.2 Fase de movimentos rudimentares

Gallahue e Ozmun (2005, p.102), colocam que nesta fase é o momento que inicia os movimentos voluntários da criança, que vai desde o nascimento até aproximadamente 2 anos.

“Os movimentos rudimentares são determinados de forma maturacional e caracterizam-se por uma seqüência de aparecimento altamente previsível. Esta seqüência é resistente a alterações em condições normais. O nível com que essas habilidades aparecem, porém, varia de criança a criança e depende de fatores biológicos, ambientais e da tarefa.”

Nesta fase se observa os primeiros movimentos estabilizadores, manipulativos e locomotores.

Estágio de inibição de reflexos: o córtex está em constante desenvolvimento desde o nascimento, assim os movimentos involuntários dão espaços para os comportamentos motores voluntários, ainda descoordenados, descontrolados e grosseiros.

Estágio de pré-controle: Aproximadamente por volta de 1 ano, a criança começa a se equilibrar, manipular objetos e a andar, com mais controle, aumentando sua gama de movimentos.

2.3.2.3 Fase de movimentos fundamentais

Nesta fase, o modelo coloca como o momento em que as crianças irão desenvolver as experiências das fases anteriores, e experimentar novas, primeiramente separadas e após aprendido serão combinadas. Ela:

“É um período para descobrir como desempenhar uma variedade de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos, primeiramente isoladamente e, então, de modo combinado. As crianças que estão desenvolvendo padrões fundamentais de movimento estão aprendendo a reagir com controle motor e competência motora a vários estímulos.”

(GALLAHUE & OZMUN, 2005, p.103)

Os autores relembram a importância de mencionar que o desenvolvimento destas habilidades, não depende unicamente da maturação e sim do fator extrínseco, depende também do fator do ambiente, experiência e influências.

Estágio inicial: o nível inicial dos movimentos, movimentos marcadamente seqüenciados e restritos, com pouca coordenação.

Estágio elementar: movimentos ainda restritos e exagerados, mas bem mais coordenados. Envolve maior controle e melhor coordenação.

Estágio maduro: o aprimoramento dos movimentos anteriores depende também da prática, do encorajamento para sua realização. São movimentos eficientes, coordenados e controlados.

2.3.2.4 Fase de movimentos especializados

Esta fase é decorrência da fase anterior onde irá combinar os movimentos fundamentais com as práticas diárias, a recreação e a prática esportiva, como cita MASSA & RÉ (2006, p. 176):

“uma criança que durante a Fase Motora Fundamental teve oportunidade, instrução e encorajamento para se aproximar e vivenciar uma gama diferenciada de habilidades fundamentais tende a manifestar estágios maduros e a possuir, em seu acervo motor, um amplo repertório de movimentos adquiridos que podem ser, futuramente, utilizados na aprendizagem de movimentos mais elaborados e complexos. Simbolicamente, esta criança terá à sua disposição uma ‘caixa de ferramentas repleta de itens’ para construir movimentos complexos.”

Gallahue & Ozmun (2005, p.106) dividem esta fase também em estágios que exemplificam melhor:

Estágio transitório: de 7 a 10 anos onde as crianças possuem os elementos da Fase de movimentos fundamentais e irão utilizar de modo mais preciso e que exija maior controle. São aplicadas em brincadeiras, jogos e situações diárias. Terá um foco mais amplo e generalizado para ‘todas’ as atividades.

Estágio da aplicação: de 11 a 13 anos. Como no estágio anterior as crianças utilizavam seu acervo motor para atividades mais amplas, agora ela poderá focar a

uma atividade específica, de acordo com sua vontade. Toma decisões do que era realizar ou não.

Estágio de utilização permanente: a partir de 14 anos aproximadamente. Continuação dos estágios anteriores, o cume de todos. Tudo o que ele aprendeu poderá ser usado por toda sua vida. Sua participação em determinadas atividades dependerá de seu tempo, talento, oportunidades, condições físicas, dinheiro, entre outros fatores que possam influenciar.

“O nível de desempenho permanente de um indivíduo pode variar desde o status profissional e olímpico até competições universitárias e escolares, incluindo a participação em habilidades organizadas ou não-organizadas, competitivas ou cooperativas, esportivas recreacionais ou da simples vida diária.”

(GALLAHUE & OZMUN, 2005, p. 107)

2.3.2.5 A ampulheta heurística

O modelo da ampulheta heurística proposto por Gallahue e Ozmun (2005, p.108), é um aparato, como eles mesmos definem, uma representação conceitual ou modelo de desenvolvimento motor, fornecendo orientações gerais para a descrição e explicação do comportamento motor das crianças. Enfatizam que este modelo não dará soluções para os problemas caso seja seguido, mas sim trará respostas a possíveis problemas.

Com o estudo entende-se que cada criança tem um desenvolvimento e uma maturação diferente da outra, isto é devido a diversos fatores extrínsecos e intrínsecos. Segue o modelo da ampulheta:

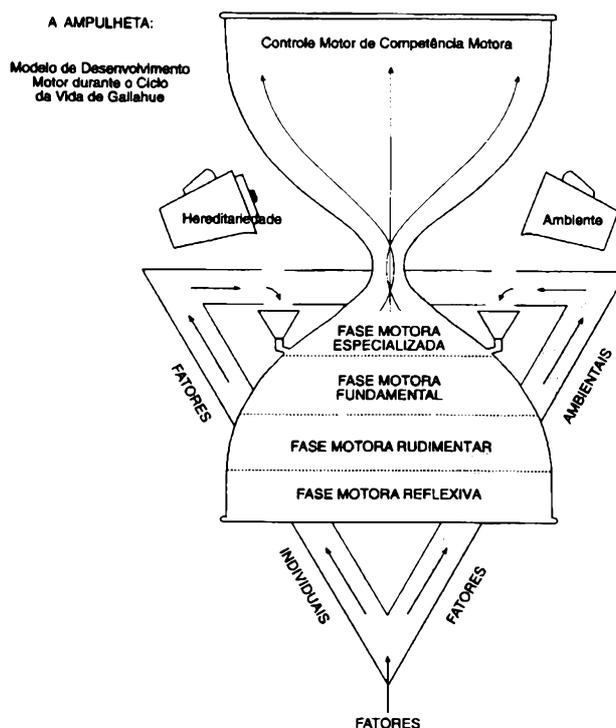


FIGURA 1 – A AMPULHETA
FONTE: GALLAHUE & OZMUN, 2005, 110.

Segundo os autores, tem-se uma ampulheta que será abastecida com areia. O acervo motor é caracterizado pela ampulheta, esta será abastecida com o recheio da vida, representado pela areia. Cada lado possui um recipiente que abastecerá a ampulheta, um lado o recipiente da hereditariedade, este possui uma tampa como ilustra o desenho, que significa que isto já está pré-determinado, não podemos mudar nossa estrutura genética, não podemos colocar nem tirar a “areia” do recipiente. Do outro um recipiente do ambiente, este sim podemos aumentar, quando acaba a “areia” dele é só reabastecer e colocar na ampulheta.

Assim o modelo tem, a areia dos recipientes que está representando as influências que a hereditariedade e o ambiente provocam no desenvolvimento motor das crianças. Não importando ao final qual terá maior exercício na vida, mas ambas irão contribuir para este acervo motor que está sendo representado.

Explicam que se na primeira fase do desenvolvimento, já citado, o ambiente não for extremo, o desenvolvimento dela é previsível, crianças controlam o pescoço, sentam, engatinham, levantam, andam. Porém a evolução de alguns movimentos somente acontecerá se for experimentado. Enfatizam que estas fases devem ser consideradas como variáveis, o processo de desenvolvimento se dá desde o

nascimento até o final da vida, favorecendo aquelas que possuem maiores oportunidades para o desenvolvimento.

“Seja bebê, criança, adolescente ou adulto, quem receber oportunidades adicionais para a prática, o encorajamento e a instrução em um ambiente propício ao aprendizado terá a possibilidade de adquirir as habilidades motoras. A ausência desses recursos ambientais (fatores de habilitação) inibirá a aquisição de habilidades motoras.”

(GALLAHUE & OZMUN, 2005 p.110)

Ainda colocam que cada fase depende da anterior, para melhor aquisição, assim deve ser dada a atenção desde os primeiros meses. Os pais e professores têm papel fundamental nessas fases de desenvolvimento. O ambiente como mostra na ampolheta depende muito do apoio, incentivo, encorajamento partindo desde a própria casa até o ambiente onde irá desenvolver as atividades. Assim, inicia-se a discussão acerca da iniciação esportiva e qual é sua importância no processo de desenvolvimento das crianças.

2.4 INICIAÇÃO ESPORTIVA DOS FILHOS

Busca-se, então, esta relação das atividades extracurriculares com as crianças, em especial a prática esportiva. Já que a iniciação, segundo SAAD (2006, p.1) “Nas últimas décadas, tem proliferado a participação de crianças em atividades esportivas, seja em atividades nas escolas, como lazer ou mesmo de rendimento”, entendo esta participação decorrentes de variados fatores motivadores, e esta irá ocupar grande parte da rotina e formação da criança, pois estão em processo de desenvolvimento, como OLIVEIRA & PAES (2004) cita:

“desde que a criança inicia a prática sistematizada de treinamento na escola ou no clube, não é garantida sua formação atlética simplesmente por seus domínios técnico-táticos. Deve-se levar em consideração sua totalidade, sua vida; física, social, mental e espiritual.”

Seguindo esta idéia da iniciação esportiva, Weinberg e Gould (2001 apud KANETA et al, 2006, p. 290) coloca o cume da participação das crianças no esporte

na faixa etária entre 10 e 13 anos de idade, declinando aceleradamente até a idade de 18 anos. No estudo de SILVA et al (2001, p.51), onde ele buscou bibliograficamente qual seria a melhor idade para iniciar as crianças ao esporte, achando uma média para os esportes individuais de 8 – 12 anos e de 10 – 12 anos para os esportes coletivos.

WEINECK (2000, p.258) coloca que esta faixa etária é considerada “a melhor idade para aprender”, assim, verifica-se que o primeiro contato prático com o esporte, fora o contato que a mídia proporciona se dará, especialmente, nesse momento de escolarização da criança. Onde muitas crianças praticam o esporte através da educação física dentro da escola como também em escolinhas ou clubes que ofertam tais práticas, incentivados pelos pais e pelos amigos (KANETA et al, 2006, p.274).

Importante lembrar que isto se refere à prática esportiva no momento extracurricular e não durante as aulas de Educação Física. O primeiro contato com o esporte pode ocorrer na escola, porém a rotina citada é a de treinamento fora do horário escolar, como se refere SIMOES et al (1999, p 34) “são atividades extracurriculares que podem ser denominadas ‘turmas de treinamento esportivo’, com finalidade de representação escolar em competições ou não.” E esta relação das crianças com o processo de iniciação esportiva, com o estudo percebe-se que recebe a interferência com diversos fatores externos, em especial busca-se então a relação que os pais tem nesse processo.

2.5 PAIS, FILHOS E PRÁTICA ESPORTIVA

“O Esporte é um fenômeno sócio-cultural que chama a atenção dos indivíduos da sociedade contemporânea. O modelo social inclui, entre outras instituições, a família, a escola, o clube esportivo, os quais afetam os indivíduos em relação às suas potencialidades e à sua formação esportiva.”
(SIMÕES et al., 1999, p.34)

Compreende-se assim, que a atividade esportiva está cada dia mais freqüente na vida das crianças e que este processo está relacionado com variados fatores, interferências essas, partidas de diversos agentes motivadores onde pode ocorrer tanto positiva quanto negativamente, depende do ponto de vista com que é encarada.

Como ilustra a sistematização de Byrne (1993, apud VILANI & SAMULSKI, 2002, p. 35), onde mostra o círculo de influências (espectador, clubes, árbitros, professores, treinador e pais) agindo sobre a criança. Porém, foca-se mais enfaticamente na influência da ação dos pais nessa prática.



FIGURA 2 – CÍRCULO DE INFLUENCIAS
(BYRNE, apud VILANI e SAMULSKI, 2002, p.35)

Essa interferência pode acarretar diversos resultados como cita Weinberg e Gould (2001 apud KANETA et al, 2006, p.293) “os pais podem desempenhar um papel altamente positivo e/ou um papel altamente negativo na experiência esportiva de crianças”. Normalmente associamos a relação dos pais como motivadora e incentivadora buscando o sucesso dos filhos. KANETA et al (2006, p.286) ainda coloca o papel da família como um suporte e modelo para o adolescente. Segundo KANETA et al (2006, p.294):

“ parece ser bem vista a participação que envolva o apoio quando de derrotas; o encorajamento da percepção real de competência; o encorajamento de atividade física dentro dos limites saudáveis; e mesmo a repreensão por comportamentos inadequados ao convívio em grupo.”
(p.294)

Entende-se, que o esporte além de desenvolver as capacidades motoras, envolve a criança em um meio social que lhe proporcionará, segundo MACHADO (1998, apud KANETA et al, 2006, p.283):

“autoconhecimento, socialização, desenvolvimento da inteligência, vontade, domínio de si mesmo, capacidade de observar, avaliar situações, atenção, decisão, lidar com o fracasso, intuição, memória, integração de ação, pensamento, desenvolvimento e uso dos diversos níveis de concentração.”

Este pode ser um dos fatores para o incentivo dos pais, onde SIMOES et al (1999, p.35) os classifica como “agentes controladores” desta relação do seu filho num meio competitivo, sem sair da realidade familiar e escolar. Buscando uma orientação educativa propiciando um ambiente para que seu filho alcance seus objetivos, como cita VILANI & SAMULSKI (2002, p.15):

“Analisar esse contexto sob a ótica sistêmica, nos permite observar que a estrutura, a cultura esportiva, as atitudes, dentre outros fatores característicos, apresentados pelos pais, são aspectos de grande influência na formação do filho atleta, e que tantos fatores hereditários, quanto sócio-ambientais fundamentam os eixos norteadores do desenvolvimento do jovem no esporte, uma vez que, considerando-se a influência familiar como microsistema de desenvolvimento, podemos indicar um ambiente mais propício para o desenvolvimento da carreira esportiva do jovem atleta.”

Com isso, diversas etapas estão vinculadas com o desenvolvimento das crianças no esporte, como o papel do treinamento, os aspectos motivacionais para a prática, as competições, todos estes fatores interligados com a interferência dos pais, onde no decorrer busca-se melhor exemplificar.

2.5.1 Treinamento de crianças no esporte

Compreende-se com o estudo, que de acordo com o desenvolvimento psicofísico do ser humano, as características de uma criança para um adulto são diferentes, e necessitam olhares especiais, devido a isso o treinamento esportivo

deve ser estruturado para que as crianças tenham condições de se envolver e ter a motivação para o contínuo de tal (BENETTI et al, 2005, p.88).

“É importante assinalar que o treino com crianças e jovens tem nuances que o diferencia do treinamento dos adultos. Em razão das características e particularidades determinadas pelos níveis de desenvolvimento físico, psíquico e afetivo relacionados aos estágios de crescimento e desenvolvimento, torna-se imprescindíveis diferenciar, objetivos, os conteúdos e os processos de treinamento dos jovens e dos adultos.”

(SILVA et al, 2005, p.48)

Com o estudo, confirma-se a idéia de que as crianças estão em uma fase de constante desenvolvimento, podendo esta evoluir se maior for o número de experiências, contribuindo para aumentar o seu acervo motor e lhe garantir um bom desenvolvimento, assim seguindo a idéia de BENETTI (2005, p.88):

“A ótima habilidade que as crianças tem para desenvolver técnicas de motricidade esportiva, a expansão e a experiência do número de movimentos devem ser prioridades no treinamento esportivo com crianças, em razão do rápido desenvolvimento do cérebro e da subsequente capacidade elevada de desempenho no campo das atitudes de coordenação.”

Segundo MORAES et al, (2004, p.212) esta fase para a iniciação esportiva, é considerada a de experimentação onde os pais “(...) introduziam os filhos no esporte com ênfase no divertimento, euforia e possibilidade de vivências variadas”.

“A atuação dos pais dos atletas, ao assistirem aos treinamentos ou torcerem por seus filhos e filhas nas partidas, enriqueceram nossos dados... pois com sua constante presença nos treinos e nas competições, demonstravam interesse concreto no sucesso esportivo, atual e talvez futuro, dos filhos.”

(TORRI et al, 2007, p.503-505)

Entende-se que com a presença dos pais e a preocupação dos técnicos, esta fase que as crianças se encontram é fundamental para tal ser inicializada ao esporte, respeitando sua maturação mantendo a cautela de não interferir negativamente com cargas e treinamentos superiores a capacidade da criança, como explica WEINECK (2000, p.250):

“No geral pode-se afirmar, que estímulos de carga adequados ao crescimento, isto é submáximos, que exijam de forma múltipla e não unilateral o complexo todo do aparelho locomotor passivo, oferecem um estímulo apropriado para o crescimento quanto para a melhora da estrutura. Ao contrário, cargas unilaterais, máximas ou despreparadas, apresentadas ao organismo em crescimento podem levar imediatamente ou a longo prazo (dano tardio) a distúrbios [...]”

Ainda resumem o treinamento específico para crianças e suas características (WEINECK, 2000, p.263):

“Modalidades de carga e capacidade de suportar carga de crianças e jovens não podem ser otimizadas exclusivamente através de uma redução quantitativa da estrutura de cargas dos adultos. Cada faixa etária tem suas tarefas didáticas especiais, bem como particularidades específicas do desenvolvimento. A oferta de estímulos e aprendizagens deve ser regulada pela fase sensitiva. A fase da pré-puberdade serve principalmente para melhorar as capacidades coordenativas e ampliar o repertório de movimentos;. No entanto, aí deve ser salientado que a coordenação (técnica) e condição devem ser sempre desenvolvidas paralelamente, mas com o peso correspondente!”

Pensa-se que o apoio dos pais é fundamental e o fato dos mesmos assistirem os treinamentos dos filhos serve tanto para um momento a mais com filho quanto para um acompanhamento do grau de atividade e do desenvolvimento dos filhos.

2.5.2 Aspectos Motivacionais para a prática do esporte

Como já citado anteriormente, a relação dos pais com a prática esportiva dos filhos está normalmente associada como motivadora e incentivadora. A motivação segundo Samulski (1990 apud SAMULSKI 1992, p.55) “[...] é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos)” e ainda explica “Segundo este modelo a motivação apresenta uma determinante

energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas).”

Portanto, acredita-se que a criança, necessita além de ter a vontade pela prática (intrínseca), muitas vezes, o apoio e incentivo dos pais (extrínseca), para ser um motivo a mais para a realização da mesma.

MACHADO (1997, p.169) explica que o motivo para a realização de algo é um estímulo à determinada ação, quanto maior forte for o estímulo, maior a função que o motivo possuirá.

SAMULSKI (1992, p.56) diz que no esporte de rendimento a motivação significa o “desejo de melhorar, aperfeiçoar ou manter seu rendimento a um alto nível.”

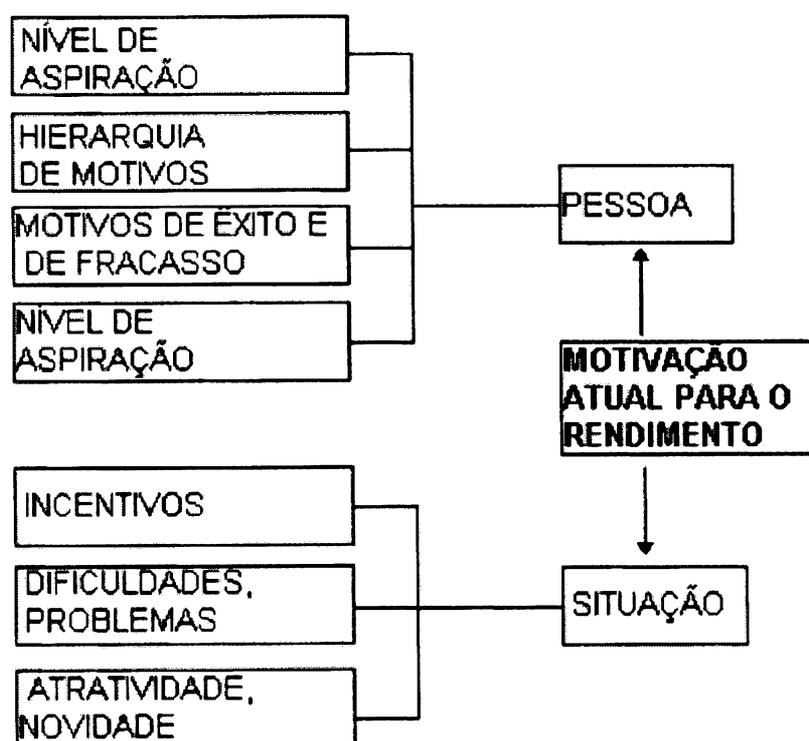


FIGURA 3 – DETERMINANTES DA MOTIVAÇÃO ATUAL PARA O RENDIMENTO
 FONTE: SAMULSKI, 1995, p.56.

A FIGURA 3 ilustra esse ponto das motivações intrínsecas (acima – “pessoa”) e extrínsecas (abaixo – “situação”). Pode-se colocar os pais nessa relação dentro das motivações extrínsecas, que incentivam ou não e proporcionam um ambiente para a prática esportiva. Os pais tem papel fundamental nesse aspecto com já enfatizado algumas vezes, SAMULSKI (1995, p. 86) relaciona a família com a prática esportiva:

"A maioria dos pais apoiam ativamente as atividades esportivas de seus filhos. O apoio familiar abrange as seguintes atividades: ajuda financeira, coordenação das atividades familiares com as atividades do treinamento e competição e apoio emocional durante a competição."

Entende-se que esses fatores fazem o ambiente da criança, desde o apoio financeiro até o emocional, motivando e incentivando este para a prática esportiva.

2.5.3 Atitudes dos pais e reflexos na prática esportiva dos filhos

O ambiente que é proporcionado à criança para a sua prática esportiva é extremamente determinante para a otimização ou não do futuro desse atleta (VILANI & SAMULSKI, 2002, p. 15). Como cita KANETA et al (2006, p.293) onde o excesso de participação dos pais ultrapassa os limites de uma vivência saudável, como depositar nos filhos expectativas de ascensão social, dar ênfase somente a vitória, cobrança por desempenhos perfeitos, exigência pela atuação mesmo lesionado, orientações em contraposição ao do treinador e incentivos a violência e comportamento agressivo. Ações como estas tendem a dificultar a experiência esportiva dos próprios filhos.

"analisando a conduta de pais de jovens esportistas, verifica-se que existem os que se dedicam a apoiar com sobriedade, outros que nunca estão presentes e ainda outros que só perturbam por sua conduta totalmente desequilibrada."

(BECKER JR & TELÖKEN, 2000 apud VILANI & SAMULSKI, 2002, p.15)

Como o estudo, visualiza-se que os pais tem diferentes reações e comportamentos em relação a vida esportiva dos filhos, uns participam efetivamente outros, no entanto, são omissos, mas todos esses fatores descarregam em seus filhos uma interferência que irá influenciar positiva ou negativamente sua prática. Os pais, como já citado, são grandes influenciadores, assim segue a representação de Byrne sobre este envolvimento.

SUB-ENVOLVIMENTO		ENVOLVIMENTO MODERADO	ENVOLVIMENTO EXCESSIVO OU SUPER ENVOLVIMENTO	
PAIS DESINTERESSADOS	PAIS MAL INFORMADOS	ZONA DE CONFORTO	PAIS EXCITADOS	PAIS FANÁTICOS

QUADRO 3 : O ENVOLVIMENTO DOS PAIS
 FONTE: BYRNE, 1993 apud VILANI & SAMULSKI, 2002, p.17

VILANI & SAMULSKI (2002, p.17-18) explica estas relações e quais são estas características.

Pais desinteressados – neste caso o papel dos pais é somente de inscrever o aluno na iniciação, não importa se o filho deseja ou não, o momento do treinamento é um período que não há preocupações relacionadas ao filho. Crianças, muitas vezes, são obrigadas a realizar uma atividade que não gostam, podendo desistir do esporte ou a ter uma futura intolerância a determinada modalidade.

Pais mal informados – há uma conversa inicial, mas não passa desse primeiro contato. Não há um desinteresse, mas sim uma falta de conhecimento sobre a importância do relacionamento junto ao seu filho para a formação esportiva dele.

Pais excitados – são os pais que se mostram preocupados com a participação dos filhos no esporte, freqüentam os treinos, há um envolvimento por vontade própria. Porém quando chega aos campeonatos se exalta, se dirigem aos árbitros com frases ofensivas prejudicando o ambiente competitivo. Muitas vezes, não percebem esse exagero constringendo os próprios filhos e lhes dando um mal exemplo de conduta social e esportiva.

Pais fanáticos – o objetivo desses pais é formar verdadeiros heróis do esporte, não se mostram satisfeitos com o desempenho sempre exigindo mais com sugestões para a melhoria, se exaltam com a conduta dos árbitros e dos treinadores, causando nos filhos uma pressão e também a falta de prazer da prática.

Segundo Cratty (1984, apud MACHADO, 1997, p.74) a criança:

“ nunca deixa de sofrer influência de alguma assistência. Sempre haverá algo ou alguém que estará interferindo ou interagindo em sua vida. Neste contexto, entram o técnico, os pais dos atletas, e o público que acompanha o atleta e ou o esporte que este atleta pratica.”

Coloca-se, agora, a torcida nessa relação das crianças com a prática esportiva. Com o estudo percebe-se que ela faz parte do processo de competição dentro do esporte, não é a única resultante do desempenho do atleta, sendo ela a favor ou contra, mas exerce grande influência.

Segundo MACHADO (1997, p.76) os pais:

“ revelam-se pessoas de uma cobrança acima da média e, devido a aproximação afetiva, exercem o direito de insultar, esbravejar e gesticular como se, com tal atitude, os erros ou indecisões assistidas pudessem vir a ser eliminadas da partida..”

Ou ainda, aquela torcida familiar silenciosa que Machado (1996, apud MACHADO, 1997, p.76) argumenta ser tão perigosa quanto a exaltada.

“Aqui, no silêncio, são armazenadas todos os lances e premeditações da partida, para numa conversa reservada vir a tona, como uma cobrança pesada e impossível de ser paga. O silêncio da arquibancada significa o barulho ensurdecedor das discussões familiares; no lar, todos falam, todos palpitam, todos analisam e apresentam resultados para os problemas assistidos, cabendo ao atleta consentir, calar ou partir para a defesa de sua opinião ou gesto, evidentemente que antevendo a derrota, diante de argumentações tão hostis e banais.”

Portanto, entende-se que as crianças na prática esportiva devem ser orientadas sobre as possíveis intervenções da torcida e saber lidar com tais para que não prejudiquem seu desempenho esportivo.

3 CONCLUSÃO

A minha posição inicial acerca do assunto foi confirmada no decorrer da pesquisa. As crianças desde os primeiros meses de vida recebem a interferência do meio que está envolvida, e os principais agentes que interagem com ela são os pais. A partir dessa idéia que percorri por todo o desenvolvimento e se percebeu que os pais estão presentes em todos os momentos desse desenvolvimento da criança, tanto psicológico quanto no físico.

A importância da prática esportiva também foi ressaltada por diversos autores para complementar este desenvolvimento da criança, apontando a faixa etária para a melhor iniciação ao esporte, entre 10 e 12 anos (WEINBERG & GOULD apud KANETA; SILVA et. al.; NASCIMENTO JR.; WEINECK). Relacionando esta prática esportiva com a interferência que os pais operam na vida de seus filhos, percebe-se que esta relação continua acentuada. Assim, no treinamento os mesmos devem estar presentes para um comprometimento junto a criança e para um acompanhamento do nível de treinamento que está sendo proporcionado ao seu filho; toda a relação que os pais tem com os filhos desencadeará uma motivação na mesma, para o continuo da prática esportiva a criança necessita ter a motivação intrínseca e a extrínseca lhe ajudará a continuar com a prática da mesma; as atitudes que os pais tem em relação aos campeonatos ou mesmo em relação a prática esportiva, são resumidas por VILANI & SAMULSKI como desinteressados, mal informados, zona de conforto, excitados e fanáticos, esta relação influi positiva ou negativamente na criança; e a torcida familiar em competições exerce grande papel no desempenho esportivos das crianças, MACHADO coloca o perigo dos dois casos extremos da torcida, a fanática que cobram desempenhos extremos e acabam por dar exemplos negativos quanto ao posicionamento social, quando muito exaltados e mesmo a torcida silenciosa, que ao momento junto a criança iniciará uma cobrança desnivelada.

Assim, a importância do acompanhamento num nível certo de envolvimento, entendendo que a prática esportiva para a criança aumentará suas experiências e a relação dos pais com essas atividades é imprescindível para o futuro da criança, sendo esse dentro do esporte ou não. Coloco como consideração meu posicionamento sendo que professores e técnicos da área de Educação Física, devem incentivar a participação desses pais, sempre alertando para a importância

desse envolvimento, e minimizando as atitudes que podem ser prejudiciais para o desempenho do filho, por isso a importância do diálogo constante entre pais-técnicos, pais-alunos e alunos-técnicos.

4 REFERÊNCIA

BASTOS, Cleverson L.; KELLER, Vicente. *Aprendendo a Aprender: Introdução a metodologia científica*. Petrópolis: Vozes, ed. 2, 1991.

BENETTI, G; SCHNEIDER, P; MEYER, F. Os benefícios do esporte e a importância da treinabilidade de força muscular de pré-púberes atletas de voleibol. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, Florianópolis, 2005, v.7, n.2, p. 87-93.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos*. Phorte: São Paulo, 2005, p.97-117.

KANETA, C. N.; CILLO, E. . P. de; FIGUEIREDO, S. H. Psicossociologia do Esporte na Infância e Adolescência. In: SILVA, Luiz Roberto Rigolin da. (Coord) *Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes*. São Paulo: Phorte, 2006, p. 219-297.

MACHADO, Afonso Antônio. *Psicologia do esporte: temas emergentes I*. Jundiaí: Ápice, 1997.

MASSA, M; RÉ, A.H.N. Características de Crescimento e Desenvolvimento. In: SILVA, Luiz Roberto Rigolin da. (Coord) *Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes*. São Paulo: Phorte, 2006, p. 219-297.

MORAES, L.C; RABELO, A.S; SALMELA, J.H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, v.17, n.2, p. 211-222.

OLIVEIRA, Valdomiro de; PAES, Roberto R. A pedagogia da iniciação desportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. *Revista Digital*, Buenos Aires, n.71, abr. 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm>
Acesso em: 13 de novembro de 2009

PRATA, E. M. M & SANTOS, M. A. dos. Família e Adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n.2, p.247-256, mai/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2009.

SAAD, Michel Angillo. Iniciação nos jogos esportivos coletivos. *Revista Digital*, Buenos Aires, n.95, abr. 2006. Disponível em : <http://www.efdeportes.com/efd95/inici.htm> Acesso em: 13 de novembro de 2009

SALVADOR, César Coll. A teoria genética da aprendizagem. In: _____. *Psicologia do Ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, p.249-255.

SAMULSKI, Dietmar. *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Minas Gerais: Imprensa Universitária/UFMG, 1995.

SHINYHASHIKI, Roberto. *Pais e Filhos: companheiros de viagem*. São Paulo: Gente, 1992, 1ed.

SILVA, Edna L. de; MENEZES, Estera M. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, ed. 3, 2001.

SILVA, F.M; FERNANDES, L. CELANI, F.O. Desporto de crianças e jovens – um estudo sobre as idades de iniciação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, 2001, v.1, n.2, p. 45-55.

SIMIONATO-TOZO, S.M.P; BIASOLI-ALVES, Z.M.M. O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v.8, n.14-15, fev./ago. 1988, p.137-150. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v8n14-15/11.pdf> Acesso em: 20 de setembro de 2009

SIMÕES, A. C; BÖHME, M. T.; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.13, n.1, p. 34-45, jan./jun. 1999. Disponível em: www.usp.br/eef/rpef/v13n1/v13n1p34.pdf Acesso em: 19 de setembro de 2009

TIBA, Içami. *Quem Ama, Educa!* São Paulo: Gente, 2002, p. 180-192.

TORRI, D.; ALBINO, B.S; VAZ, A.F. Sacrifícios, sonhos, indústria cultura: retratos da educação do corpo no esporte escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2007, v.33, n.3, p. 499-512.

VILANI, L. H. P; SAMULSKI, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI GARCIA, E; LEMOS, K. L .M. *Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Health, 2002, p. 09-26. Disponível em:

www.cbtm.org.br/scripts/arquivos/Artigofamiliaesporte.pdf Acesso em: 19 de setembro de 2009.

WEINECK, Jürgen. *Biologia do Esporte*. São Paulo: Manole, 2000, p. 2